QUE ESCOLA QUEREMOS?

Debatedor: Alexandre Simões
Transcrição de Alexandre Simões e Zilda Machado

APRESENTAÇÃO DE ALEXANDRE SIMÕES

Nesses últimos dias a lista de discussão de nossa *homepage* reservada ao acolhimento de textos e debates sobre 'Que Escola queremos?' aumentou consideravelmente de volume. Não deixou também de ser curioso que diversos textos que iriam integrar o debate em outras mesas foram enviados para a referida lista de discussão. Assim, poderia ser dito que, sob os auspícios do tema 'saber lidar com a transferência', todos acabaram se engajando nesse trabalho de clarificação quanto ao 'Que Escola queremos?'. Eu, responsável em tecer considerações que propiciem o debate sobre alguns destes textos - 7 textos - gostaria de dizer que os tomei na condição de cartas. Independente do volume bem como do conteúdo, me permiti apreendê-los enquanto cartas. Não devemos nos esquecer de que Lacan chegou a nos propor que uma carta sempre chega a seu destino. Assim, vejamos o que se pode fazer com isto. Não se deve esquecer também de que o que irei fazer aqui é, a partir de minha leitura dessas cartas, um comentário. Neste sentido, trata-se da "tradução", para vocês, de uma leitura. Diria que uma 'transleitura' sem, necessariamente, pretender a exaustão. E digo-lhes ainda que essa transleitura, por questões óbvias de tempo, haverá de ser guiada por um minimalismo, pela extração daquilo que é mínimo e ao mesmo tempo crucial em cada uma daquelas cartas.

Dessa maneira, passarei à transleitura do primeiro texto de Antonio Quinet intitulado *O desejo do analista e o termo da transferência* (comentário do *Discurso à EFP*, de Jacques Lacan). Quinet constrói seu texto, ou melhor, sua carta, a partir de três indagações:

1) o passe, antes do final da análise - indicação do passe que foi instaurado na EBP - é o passe de Lacan?

2) a emergência do desejo do analista é contemporânea ou não ao final de análise?

3) Qual é o destino da transferência?

É a partir desses pontos que ele nos relembra acerca da solidão do ato analítico para afirmar que a Escola é o lugar em que cada um dispõe/expõe sua relação com o ato. É nesse contexto que se poderia pensar o desejo do analista como correlativo à ausência do Outro. É diante desse ponto de inconsistência do Outro que, segundo Quinet, deveríamos pensar na não-equivalência entre o final de análise e passe. Parece-me que este é um ponto crucial na elaboração de Quinet. O passe diria respeito mais à colocação em cena do desejo do analista do que ao final de análise e aquela, por sua vez, é síncrona à passagem de analisante a analista. Há uma passagem em seu texto na qual este argumento é posto com bastante clareza. Por isso, gostaria de citá-la: *"Essa distinção é essencial para redimensionar o passe. O passe de Lacan diz mais respeito à passagem ao desejo do analista do que propriamente ao final de análise. Sendo o nosso vetor do passe o desejo do analista, não tem sentido em se falar de passe de entrada ou passe de final de análise. Pois trata-se de um só passe: o que verifica o desejo do analista"*. Assim, o minimalismo a que consegui chegar na posse dessa carta de Quinet foi exatamente o da não-colagem entre o passe (enquanto verificação da irrupção de desejo do analista, logo, de um analista) e o final de análise. Sabemos o quanto que estes dois pontos - o passe e o final de análise - são usualmente tomados como equivalentes. E é isso que Quinet, baseado em algumas passagens do próprio Lacan, nos propõe relativizar.

Em seu segundo texto, intitulado *O estilo, o analista e a Escola*, o raciocínio que acabei de indicar é desenvolvido um pouco mais por Quinet. A partir da etimologia da palavra estilo, isto é, a partir da palavra grega 'stylus' (que significa marca, corte, furo), Antonio Quinet busca localizar o estilo, na análise, do lado do analista. Assim, o estilo aqui é apreendido enquanto um forte instrumento de singularização. É daí que nos será lembrado o percurso de um sintoma ao longo de uma análise, isto é, aquilo que de início se apresenta como um semi-dizer sem dito e que, pela via da verdade, finda-se como um bem-dizer, como um real bem-dito. É quanto a esse ponto final que ele nos dirá que: *"A conciliação com o sintoma no final da análise implica, por um lado, não recalcar a verdade do sintoma, e sim, bem dizê-la, e, por outro, em se habituar ao seu real reduzido aqui a um caroço ou núcleo irredutível. E qual é o efeito dessa redução? É um efeito sobre o mal-estar que o sintoma*

provoca. Bem-dizer o sintoma é a condição para aquilo que Lacan propôs para se referir à relação do sujeito com seu sintoma no final de análise: savoir y faire, saber lidar com o sintoma. O bem dizer do sintoma a que leva uma análise conduzida até seu final é a condição de saber lidar com ele. É a partir daí que podemos introduzir a questão do estilo.". Este estilo seria, portanto, aquele que considera a singularidade do objeto *a* e a incompletude do Outro e não exatamente um estilo modulado ou determinado pelo Outro. É precisamente esse estilo que se transmitiria em uma análise, uma vez que ao sintoma a gente se identificaria.

Passemos agora ao texto de Bárbara Guatimosim. O título é 'O novo ódio'. O que me chamou a atenção nesse texto foi a perspicácia de Bárbara quanto à atenção que devemos manter para uma das artimanhas do amor: a coalisão com o ódio. Ou seja, se estamos em condições de falar, em nossos laços, em um novo amor, por que não haveríamos também de pensar em um novo ódio? Tal como Bárbara propõe-nos, esse novo ódio não resultaria no simples segregacionismo ou no isolamento, porém, em novos laços sociais. Ela - e isto me parece de suma importância para todos - nos propõe que devamos não só nos interrogar acerca de 'que Escola queremos?' (em articulação com o 'saber lidar'), mas, sim, 'que Escola estamos fazendo em cada momento, em cada passo?'. Compreendo que tal indagação é bastante precisa à medida que não elimina a complexidade do percurso que estamos empreendendo.

O quarto texto, o de Graça Pamplona, trata de uma fina contextualização do que veio a ser, a partir da *Carta aos italianos* de Lacan e das últimas movimentações da AMP, o 'passe na entrada'. Graça chama a atenção para a impropriedade que há em se buscar distinguir duas espécies de passe - uma, na entrada, a outra, na saída ou no final de análise - e, por fim, propõe a denominação 'passe sob transferência' (doravante, amplamente utilizada pelos colegas do Campo Lacaniano), preferível a que até então se convencionou chamar de 'passe na entrada'. Parece-me que a grande importância do trabalho de Graça Pamplona é nos fazer perceber que o passe é um só.

No texto de Marie-Jean Saurret, cujo título é *A transferência depois do passe (trabalho de transferência, transferência de trabalho, laço-social)*, vemos a localização da transferência ao fim do tratamento. Nessa circunstância, diz Sauret, o que se daria é o fim da tentação da representação, em outras palavras, o fim da tentação do significante em se conectar completamente com o gozo. Este recobrimento mostra-se insuficiente, o Outro do saber se desfaz. É aí que pode também localizar o momento do passe: *"O sujeito se esforça, então, para inventar, ele próprio, uma resposta frente à ausência estrutural de resposta, uma solução que sustente o fato de que não há resposta: com*

o risco de amar, não mais o Outro que se desfaz, mas sua própria construção, seu próprio saber e ir contra a descoberta deste ponto onde o Outro não responde". Portanto, é na verificação dos limites do Outro que se localizaria a descompletude do saber e o impulso à criação.

No texto de Sueli Miranda, *Consentir, reconhecer, confiar*, podemos ver que o não-todo ocupa um lugar bastante significativo no laço entre os analistas. O consentir e o reconhecer dizem respeito muito mais à relação de cada um com o impossível, portanto, à particularidade e à singularidade. Logo, trata-se também de uma não-confiança no Outro, uma vez que o Outro (no sentido de uma metalinguagem ou de um Outro do Outro) não existe. A confiança que convém aos analistas, segundo Sueli, é a confiança na solidariedade e circulação dos discursos. E isso, de certa forma, é confiar na borda engendrada pela causa: "Confiar, não no Outro, mas na possibilidade do analítico em uma Escola de psicanálise. Lá, onde a produção se dá na medida em que o Outro não responde.".

Zilda Machado, em seu texto chamado 'Elaboração acerca da *Nota aos italianos'*, relembra-nos as propostas de Lacan efetuadas aos italianos que se interessavam pelo seu ensino. Tomando o analista mais enquanto função do que uma posição outorgada por um ideal ou por pretensas garantias, Zilda coloca-nos as seguintes indagações: *"Como podemos operar a construção de uma Escola cuja postura ética seja a garantia da doutrina da Psicanálise e não a dos psicanalistas? E como sustentar isso, apesar dos impasses colocados pelas questões institucionais?"*. Enfim, trata-se de efetuar a articulação, sem o recurso à moral, entre a garantia e a ética.

Foram esses os elementos que, nessas cartas, pareceram-me dignos de propiciar um debate.

ABERTURA DA MESA POR EDMÉIA TOLEDO:

A lógica de funcionamento desta mesa foi mudada. Será uma mesa e não duas como previsto anteriormente. Cada debatedor discutirá quatro ou cinco trabalhos, que já foram lançados na rede de fóruns e estão na brochura. Os trabalhos não serão lidos. O debatedor fará sucintamente o extrato de cada texto lido, colocando questões e após todas as apresentações iniciaremos o debate.

ZILDA MACHADO

Fiquei responsável pelo levantamento de questões a partir de 5 trabalhos. Trago-as para este debate e espero que possam nos permitir avançar no tema 'que Escola queremos'?

O primeiro trabalho é o de Eliane Costa e Silva intitulado *A situação da psicanálise e a formação do psicanalista em 1956, revisitada em 1999*. Em

seu texto ela toma a crítica feita por Lacan à formação do psicanalista e à transmissão da psicanálise sob o modelo da IPA e a resposta que ele dá a esse modelo com a criação da sua escola, apontando o estabelecimento de condições de desenvolvimento da psicanálise e sua efetivação no psicanalista por meio de dois dispositivos: cartel e passe. Lacan busca o termo Escola e propõe que ele demarque um lugar norteado pela formação e pelo saber que circula pelos textos de Freud e pelos dele próprio. Diferentemente de outras associações de psicanalistas, a Escola proposta por Lacan fará a distinção entre a hierarquia e o *gradus*. Eliane aponta a ambigüidade do significante *gradus* que tanto pode ser grade, que pode significar um grau na hierarquia, como algo que encerra, mas ela pontua que o significante privilegiado aqui é o 'passo' da marcha (gradum facere) e a posição do combatente. Assim, o *gradus* aponta para uma progressão por grau, de acordo com uma gradação, não vinculada a uma graduação. Finaliza com a seguinte pergunta: Como o Campo Lacaniano pode se instituir, trazendo um significante que funda um grupo, não pelo traço de uma identificação, mas fundamentado numa referência comum, na singularidade do discurso analítico? Em que se diferencia e o que concerne a cada membro desse grupo?

O segundo trabalho é de Maria Anita Carneiro Ribeiro, intitulado *Contribuição ao debate sobre que Escola queremos.* Apesar de Maria Anita ter participado da mesa sobre o passe, achamos conveniente trazer o texto que ela divulgou na rede, pela pertinência de seus comentários.

Segundo ela, o "passe na entrada" pode ter sido concebido como critério de seleção de uma escola, porém, neste momento, ao se trazer a debate a experiência dos colegas que passaram por esse dispositivo, o que se revela é que o "passe sob transferência", como é chamado hoje, a despeito de não ter talvez acreditado nele, o que ele traz de fundamental é o efeito de doutrina. São experiências transmissíveis, a partir das quais podemos extrair ensinamentos e questões que, ao serem debatidas, façam avançar a psicanálise. Pelos depoimentos dos colegas, Maria Anita traça pontos que comprovam isso: pôde-se verificar claramente nesses depoimentos a emergência do desejo do analista no decorrer de uma análise, e verificou-se também que, mais importante do que a nomeação, era o desejo de transmitir o que já haviam construído sobre sua análise. O que Maria Anita coloca então é que condicionar a nomeação de um membro da escola ao passe é deturpar o dispositivo. É dar a ele conotação político-partidária, e aí já não estamos mais na política da psicanálise.

O terceiro trabalho é o de Alexandre Simões, intitulado *Transferência e falocentrismo.* Tomando o algoritmo da transferência, a proposta de Alexandre é que o Sujeito suposto Saber é seu pivô, mas não é aí ponto central. Propõe que há na transferência uma lateralidade que poderia ser melhor expressa como

sujeito suposto ao saber. Toma o conceito de transferência em Freud e Lacan e o articula à noção de falo, no sentido da dialética falo - privação do falo. Disso decorre o que ele propõe em seu trabalho: que o manejo e o metabolismo da transferência, ou seja, a transmutação do trabalho de transferência em transferência de trabalho, tem como operador lógico o desejo do analista, o que traz repercussões sobre o falo. Sendo a proposta da *Proposição de 9 de outubro de 1967* para a 'solução do problema que é a sociedade psicanalítica a disjunção entre hierarquia e *gradus*', o que o nosso colega articula é que há uma descontinuidade radical entre uma escola que se organize sob a égide do falocentrismo e uma outra que lance luzes sobre o final de análise. Que escola propõe Alexandre Simões? Uma que considere a descontinuidade que há entre o desejo do analista e o falocentrismo e por isso propõe espaços onde uma outra lógica, que não a lógica agalmática do ser ou do ter, possa dar prova de sua existência e testemunho de seus resultados.

O quarto e o quinto textos são de Ângela Mucida intitulados *Psicanálise: transmissão e ensino* e *Transmissão: a "lituratura" como escrita?* Ângela parte da questão: "o que a psicanálise nos ensina, como ensiná-lo?" e retoma Lacan: "um ensino digno deste nome e uma transmissão possível só se dará pela via do estilo. E o estilo é o objeto". Stylus, estilete, algo que se escreve fazendo marcas, sulcos, cortes, correlato "do que se chama letra". O estilo é o que no pensamento de Lacan franqueia o ultrapassamento da literatura em proveito da literalidade. Seguindo o texto, Ângela vai articulando esses conceitos. Do estilo ao objeto e à letra é transitar nas lituras, nas fissuras que rasgam a língua, é apostar na transmissão que o resto provoca do que se revela pelas rasuras, falhas, ranhuras, uma palavra mais próxima da coisa, limite do simbólico e encontro com o real. O que por não se prestar à comunicação é justamente índice de transmissão. Se na psicanálise nem tudo passa pela via significante, e nem tudo é matemizado, o que resta é a possibilidade de escrita, efeito da letra. Se nem tudo pode ser matemizado, o que fazer do resto? Segundo Ângela, metáforas como rasura, sulcagem, litura, estilete, por estarem do lado do descontínuo, lançam trilhas da formalização dos pontos cruciais do final de análise.

Acomodação de restos? É esta a definição que Lacan dá à literatura. Porém o que a nossa colega Ângela propõe é que o significante acomodação tem também o significado de disposição e ordenação, portando, uma certa ordenação dos restos. É uma maneira de tratar o lixo, o que não serve para nada, o gozo. Portanto, o final de análise produz uma escrita particular de acomodação dos restos. Ângela Mucida propõe que seja chamada de LITURATURA, palavra que traz em seu bojo a litura. Sua questão final é: Quais serão, na Escola que queremos os dispositivos de tratamento possível dado aos resíduos, ao lixo, na prática de seu ensino e de sua transmissão? E

sendo a produção do psicanalista lituratura, que espécie de crítica teremos de sustentar?

ALBA ABREU

Em primeiro lugar quero agradecer o convite para participar deste debate que me dá chance de poder relançar algumas questões dos colegas. Quero agradecer também aos colegas o trabalho de escrever o texto e colocá-lo na *internet* para que possamos estar aqui debatendo. Acho que vocês são mais importantes agora, escreveram esses textos e eu penso que devemos aproveitar esta mesa para que possamos objetivar nossas respostas, uma vez que como já ouvimos pela manhã, diferentemente do campo freudiano, no qual apresentávamos os trabalhos, mas a orientação e a decisão eram sempre únicas, agora teremos a oportunidade de colocar nossas diferenças. Espero que realmente seja possível colocá-las e encontrar um consenso para tudo isso. Fiquei encarregada de analisar quatro trabalhos e agradeço ao Alexandre que teve de organizar essas mesas. Não foi fácil porque os textos iam aparecendo e os tomávamos sem escolha, a partir do que ia aparecendo.

Primeiro tomei o trabalho de Eliane Schermann quando ela pergunta o que faz um psicanalista. Qual seria sua formação suficiente e necessária? Eu acho interessante colocar o nome para que vocês localizem no texto e depois possam contribuir para a discussão e até procurar o autor se depois for alguma coisa do interesse de cada um. Eliane pergunta: Freud insistia sobre o ponto de que se a psicanálise é uma experiência, como tal teria de ser demonstrado seu valor científico, mas como demonstra-lo se o saber científico foraclui o sujeito e a experiência analítica é somente do um por um? É a questão. Só poderíamos aproximar a psicanálise da ciência, no aspecto da sua transmissão, ela conclui assim, mais ou menos por cima do texto, pois tanto o saber da ciência como o da psicanálise são transmissíveis, mesmo sabendo que o que se transmite em Psicanálise está sempre submetido à ética do desejo. A comunidade analítica de escola se faria então à medida que as produções fossem dos cartéis ou do passe. Assim, seriam particulares, singulares, para com isso sustentar um lugar vazio. Relanço uma outra questão para discuti-la aqui: não seria mais fácil aproximar a psicanálise da arte em vez da ciência, pois este lugar vazio necessário a uma comunidade analítica está invariavelmente no centro de qualquer criação, seja ela artística ou psicanalítica, enfim, nos preocupávamos com a questão da psicanálise e da ciência.

Tomei o texto de Clarice Gatto para recortar uma pergunta que achei interessante, embora o texto seja enorme, ela faz um percurso histórico, mas não dá para comentar todo. Ela pergunta assim: O que nos interessa na trajetória de uma análise de colegas ou de nossos próprios analisantes? Ela responde

sobre isso quando fala do nascimento do desejo do analista. Diz assim: *"Nós, analistas, operamos apenas no registro da Versagen, dizer não à demanda de amor acolhendo-a, dizer não inclusive à demanda da instituição psicanalítica que deseja saber sobre o impossível da relação sexual, materializado nas performances pessoais entre analistas e analisantes"*. Eu pergunto que conseqüências isso pode ter na nossa comunidade analítica, e eu achei a resposta quando Quinet escreveu *O Desejo do Analista e o tema da transferência.* Um comentário ao discurso à EFP de Lacan. Ele afirma que a Escola deve ser o lugar - é uma resposta à sua questão Clarice - onde cada analista possa prestar conta do seu ato, do ato analítico. E não existiria outra maneira senão a exposição, mesmo com toda dificuldade lógica que esta tarefa impõe, porque ato é do *eu não penso* e o relato seria mais do significante, de estabelecer um texto, de falar, escrever, restituir, enfim, transmitir o ato. Então não estaria tanto nas performances pessoais entre analistas e analisantes, mas dessa necessidade lógica que Quinet adverte. Mas Clarice também adverte uma coisa muito importante: que Lacan propõe a escrita, a publicação dos trabalhos, e aí eu também tomei, objetivando tudo isso, a proposta que Angélia colocou na rede de fóruns, da publicação de uma revista que reunisse a produção da nossa comunidade, respeitando as exigências legais e não a indicação política, como sabemos que é o caso de Opção Lacaniana. Todos nós vivemos isso, a revista era feita por indicação e não por um rigor científico e técnico que uma publicação deve ter.

Rosângela Corgozinho coloca que o projeto da associação deve instaurar o discurso do mestre para que funcione a fim de conceber e praticar um laço social que seja digno da psicanálise. Eu tomei Quinet novamente, mas em outro texto, nas suas considerações sobre os princípios dos fóruns que ele aborda assim: se a transferência de trabalho encarna-se em pessoas, o significante mestre, não necessariamente, pois ele teria o poder de coletivizar para constituir e delimitar um conjunto. Pergunto se este poder de coletivizar não dependeria também desses laços privilegiados que a transferência de trabalho propõe, e como é que se faz isso verdadeiramente numa associação? Rosângela coloca também o cartel como dispositivo que ela chama adequado para o aprendizagem do funcionamento antigrupal porque a permutação e a dissolução estariam aí incluídas. E eu pergunto, para relançar o debate: será que funciona mesmo o cartel, no sentido de trabalhar algum ponto clínico, teórico, ético, para fazer avançar a psicanálise? Não seria muito pouco esperar do cartel, apenas este aprendizado do funcionamento? Inclusive porque penso que a própria concepção de cartel foi um pouco desviada quando a gente aprendia na AMP que podia ter cartel de biblioteca, cartel de coordenação, enfim, se perdeu um pouco do que Lacan propõe como cartel. Então acho que é o momento de refletirmos sobre o

que é o cartel e se realmente ele funciona.

Idálio Bahia discute sobre a necessidade de fazer valer a divisão subjetiva, a castração, no seio da escola, para isso ele propõe o lugar topológico da *banda de moebius* para que possam coexistir as diferenças. Perguntaria se seria possível assegurar que poderemos tratar e superar os impasses colocados pela estrutura institucional? Eu acho que ainda estamos muito próximos da experiência anterior e como diria Elis Regina, ainda somos os mesmos. Será que colocando o passe na estrutura institucional não seria uma ilusão, como é o caso, por exemplo, do Espaço- Escola nos estatutos? Será que não bastaria um regulamento interno, diferenciando o que seria estatuto e regulamento interno? Eu tenho um pouco de experiência sobre isso e acho que estatuto é uma coisa e regulamento interno é outra, mas ambos são leis que merecem ser obedecidas. Então será que institucionalizando o passe e o cartel vamos conseguir tratar e superar estes impasses?

OLYMPIO XAVIER

Quero antes de mais nada agradecer aos colegas de Belo Horizonte o convite e o esforço feitos para este evento e dizer que estou me sentindo meio na posição de coador, evocado pela Dominique, em filtrar estes textos, e por isso evoco *Poros*, o que gerou no engano.

Vou começar com o trabalho de Vera Pollo que faz comentários sobre sua apresentação no Fórum do Rio sobre a Carta aos Italianos. Vera em sua reflexão nos indica um ponto de começo para qualquer elaboração de um projeto de escola. Por que queremos a escola do passe e do cartel? Ela defende o passe, e mais precisamente o passe sob transferência, fundamentada nos depoimentos de passantes ouvidos nos encontros do fórum do Rio de Janeiro. Quando ela pode escutar uma transmissão possível da teoria, muito além das pequenas histórias que estariam vindo em resposta ao princípio de Lacan na *Carta aos italianos*. Aqui tomo a citação de Vera: *colocar colaborando o simbólico e o real que o imaginário enlaça, eis porque não se pode deixá-lo cair.* Eu entendo isso como o imaginário da instituição abrigando o real em jogo que caracteriza a psicanálise que, por sua vez, opera na produção simbólica que dá sustentação ao real. Essa escola deve encontrar seu furo na condição mesmo de que um saber se deposite enquanto teoria, que sustente este real como operativo. Como traz Ana Laura, a garantia que a Escola visa está nesta operatividade e não no saber do psicanalista, já que essa é uma garantia gratuita, dada pelo cúmulo do real.

Assim consigo entender a interseção entre a intensão e a extensão, por um lado Formações Clínicas, de outro lado Escola. A partir dessa tensão proposta pelo Campo Lacaniano, podemos pensar a Escola não-Toda, descompletada

pelas Formações Clínicas, e tendo como interseção um saber do ato em ato.

No trabalho de Ângela Diniz, a transmissão da experiência é também um ponto pivô na formação da escola. Ela traz a crítica de Lacan à IPA que, por eludi-la, nos seus dispositivos, apresenta o grau único da suficiência, aquele que chega ao final de sua análise identificado com o eu do analista, em que o analista não se autoriza de si mesmo mas se garante num modelo identificatório. Lacan denuncia na *Situação da psicanálise* este mecanismo que visa *"evitar no analista a apreensão de seu estatuto no final de análise, mantendo via narcisismo o caráter privado, inarticulado e obscuro no inacessível da transmissão da experiência"*. Com a *Proposição de 9 de outubro*, introduzindo o passe, Lacan tenta desestruturar essa possibilidade de formação do grupo hierárquico. O sujeito no final de sua análise, na posição de efeito e não apenas causa do desejo, pode depositar algo da experiência desse saber, enquanto contribuição teórica as questões fundamentais da psicanálise, com os passadores no alvo da transmissão deste depoimento, Lacan propõe com o passe um *tiquê* no *autômaton* da hierarquia institucional. Como a Nilda lembra, o passe é o passador.

Sônia Alberti, de forma bem oportuna, vem nos lembrar aqui dessa transferência de trabalho, *"em que cada um abrirá caminho para demonstrar o que faz do saber que a experiência deposita"*. Isto é uma citação de Lacan em *D'écolage*. O que fazer desse saber cria a possibilidade da diversidade, do estilo de cada um , justamente pelo rigor de não escamotear o impossível de se saber do insconsciente. Creio que com isso há uma limitação inevitável de um campo em que se pretende uma Escola de experiência do funcionamento desse saber. Esta Escola que abrigaria, além do impossível de se saber do inconsciente, a formulação teórica que o sustente, a aplicação desse saber à intersubjetividade, desmontando o *amoródio* em transferência, finalmente poderia acolher o estilo de cada um que espere bem dizer o seu sintoma. Eu gostaria de terminar esses comentários com uma citação do encerramento do discurso de Lacan à EFP: *"O inconsciente, este não faz semblante, e o desejo do Outro não é um querer à la manque"*. Essa expressão nas *Lições de Lacan* que tivemos no Rio, apresentou um certo problema de tradução, gostaria de propor uma tradução possível por este *à la manque* 'o desejo do Outro não é um querer papo furado'.

ALEXANDRE SIMÕES:

Sinto-me aqui em uma tarefa que faço com muito interesse, mas uma tarefa um tanto quanto delicada porque fiquei responsável por um número considerável de textos, e estes textos também têm um volume considerável de posições que poderiam suscitar um debate muito interessante entre nós e

extremamente pertinente ao tema 'Que Escola queremos'. Os textos que me responsabilizei são os textos de Antonio Quinet, Bárbara Guatimozim, Graça Pamplona, Marie-Jean Sauret, Sueli Miranda e Zilda Machado.

Eu tomei a liberdade de me apropriar destes artigos na condição de cartas. É assim que eu os estou entendendo. Para mim são cartas que são claramente direcionadas a este título 'Que Escola queremos?'

Acho interessante neste debate considerarmos que houve diversos endereçamentos – pessoas que participaram das mesas de ontem e de hoje com aqueles temas específicos em relação ao passe, mas que também utilizaram este mesmo conteúdo, remetendo-o para este titulo 'Que Escola queremos'. E também tomo estes textos na condição de cartas fazendo alusão ao que Lacan falou no final da *Carta Roubada*: comentou que uma carta sempre chega a seu destino. Acho que esta é uma proposta de Lacan interessante, curiosa, e acho que há duas grandes possibilidades de compreender essa proposta, de que uma carta sempre chega a seu destino, por exemplo, é possível fazer uma leitura metafísica disso como Derrida por excelência fez. Por leitura metafísica estou querendo dizer que é possível se efetuar uma crítica como Derrida fez, da qual eu particularmente não partilho. Uma leitura metafísica quer dizer que quando se supõe que uma carta sempre chega a seu destino está se colocando aí como pano de fundo, vamos dizer assim, aquela consistência que já foi por nós, séculos atrás, proposta por Tales de Mileto, ao dizer que tudo é Um. É uma maneira de se compreender essas cartas que sempre chegam ao seu destino. Então pensar que elas chegam ao seu destino justamente porque há uma consistência do Outro, há uma garantia que asseguraria o recebimento destas cartas. E há uma outra maneira de se ler esta proposta que é uma leitura não teleológica. A minha condição aqui de comentar esses textos é para efetuar o que eu chamaria uma transleitura. Então, não há como eu ter compromisso com a exaustividade. São comentários específicos, precisos, sem compromisso de fazer uma leitura exaustiva dos textos que estão na publicação.

Gostaria de frisar inicialmente algumas coisas que estão no texto de Antonio Quinet chamado *O desejo do analista e o termo da transferência.* Esse texto foi constituído a partir do comentário ao discurso à EFP de Lacan e foi um texto originalmente apresentado nas Lições de Lacan que ocorreram no Rio de Janeiro em agosto. Quinet traz três indagações que parecem interessantes para esse debate de hoje. São indagações que vamos ver que vão aparecer em outros textos que eu estou trabalhando, como já apareceram nos outros textos que os colegas trouxeram.

Uma indagação inicial: O passe antes do final de análise. Ou seja, essa indicação do passe tal como foi instaurado na EBP. Quinet se interroga: esse passe seria o passe de Lacan? Acho uma indagação interessante de ser levada

adiante e vamos ver que no texto de Graça Pamplona ela faz um comentário mais detido sobre esse assunto. Segunda indagação: a emergência do desejo do analista é contemporânea ou não ao final de análise? Isto surgiu ontem e hoje também. É um tema provocativo que valeria muito a pena debatermos. Essa disjunção que poderia haver entre o passe e o final de análise. O quê que se verifica? É algo relativo ao desejo do analista, parece que todos estamos de acordo com relação a isto, mas isto é síncrono ou não ao final de análise?

E a terceira indagação é 'Qual é o destino da transferência?' que também é uma indagação que vai surgir em outros textos que vou comentar. O passe de Lacan diz mais respeito à passagem do desejo do analista do que propriamente ao final de análise. Sendo o nosso vetor do passe o desejo do analista, não tem sentido em se falar de passe de entrada ou passe de final de análise, pois se trata de um só passe: do que verifica o desejo do analista. Acho interessante isso se for o caso de retornar, esta disjunção.

Outro texto de Antonio Quinet chamado *O estilo, o analista e a escola.* Efetuando uma precisão do que viria a ser o estilo, que convém ao campo conceitual da psicanálise, ou seja, o estilo não como instrumento de generalização, mas como instrumento de singularização, então não é o estilo da estilística, mas é uma outra dimensão do estilo, uma dimensão que faz ecoar a etimologia da palavra estilo, que vem de estilos, que é uma marca, um corte, um furo. Quinet chega a nos lembrar que stylus era o que era usado para entalhar uma madeira, uma pedra, até o próprio instrumento de inscrição, e é o resultado também da inscrição, mas enfim, Quinet nos chama também a atenção para esta sincronicidade do desejo do analista e o estilo tomado nesta dimensão de uma singularização. Ao longo do seu texto ele também faz a articulação do estilo, tomado nesta acepção – o desejo do analista – e juntamente disso o que eu chamaria a descompletude do Outro. É até neste sentido que ele faz uma leitura da famosa frase de Buffon que fala que o estilo é o próprio homem. É uma frase que Lacan comenta e a modifica na abertura dos Escritos e Quinet se detém sobre isso e efetua alguns desenvolvimentos sobre o estilo não é o próprio homem, o estilo não é o grande Outro, e por fim acaba desenvolvendo a idéia de que o estilo é o objeto a.

O básico aqui, fazendo articulação entre os textos é justamente isso: pensar o desejo do analista como sendo da ordem do estilo, tomado como instrumento de singularização e por sua vez homogêneo ao S(A)barrado, portanto trata-se de um estilo que não caminharia na direção de uma pedagogia da causa analítica, que no texto Quinet localizou como sendo uma maneira de se lidar com o estilo próprio da EBP.

O texto de Bárbara Guatimozim chamado "*O novo ódio*": Achei muito interessante e perspicaz à medida em ela ao tecer alguns desenvolvimentos

sobre a junção amor e ódio, o famoso amódio, ou amoródio, vai nos falar de um novo amor mas ao mesmo tempo não vai se furtar da complexidade em sua análise. Esse novo ódio curiosamente não seria antinômico ao laço social. Ela efetua diversos comentários sobre esta báscula entre o novo amor e o novo ódio e como isto estaria instaurado na coletividade dos analistas e por fim se interroga com algo que eu acho bastante pertinente para o debate desta mesa. Nesta trilha, nós devemos nos interrogar não só em relação a que escola queremos em articulação com o saber lidar com a transferência, mas juntamente a esta indagação, devemos sim perguntar: que Escola estamos fazendo? Acho pertinente essa questão porque também retira esta construção de algo que está lá na frente e nós simplesmente devemos fazer uma caminhada tranqüila, isenta de complexidades. Ela não desvia da complexidade do enlaçamento dos analistas e nos convida a efetuar essa interrogação não de uma maneira que se projeta adiante, mas de maneira constante. Que escola estamos fazendo a cada momento do nosso caminhar?

O texto de Graça Pamplona intitulado *A propósito da expressão passe sob transferência*, relembra que a terminologia passe sob transferência foi ela mesma que propôs para substituir ou para melhor localizar o que viria a ser chamado, e continua a ser chamado em certos setores, de passe de entrada. Tendo em vista que essa terminologia 'passe sob transferência' é mais adequada, pois continuamente faz alusão a uma clínica sob transferência. Graça faz uma contextualização histórica bastante instrutiva de onde é que veio essa idéia de passe de entrada, faz alusão aqui a Madri 1990 e até descreve o episódio de uma votação 'vocês querem ou não querem levar a sério o passe sob transferência?' Ela nos sugere que não devamos cair na simplificação de abordar o passe de entrada, ou sob transferência, como uma degradação do passe de Lacan'. Parece-me que o que a Graça sugere é que devemos olhar isso com mais cuidado, e me parece que é o que está sendo feito neste fórum. Enfim, não devemos jogar a banheira com a água e a criança fora.

Marie-Jean Sauret – *"A transferência depois do Passe – trabalho de transferência, transferência de trabalho, laço social":* Ele começa o seu texto mostrando um percurso muito interessante da transferência na condição de um amor endereçado ao saber, e vai nos dizer no andamento do seu texto que há sim um destino da transferência no tratamento e ele localiza esse destino com essa terminologia: o destino da transferência no tratamento seria o fim da tentação da representação. O que viria a ser isto? Justamente a tentativa de se efetuar uma conexão completa no estilo lá do Aristófanes do abraço, dos dois seres que foram partidos ao meio, uma conexão completa entre significante e gozo. Então o fim da tentação da transferência provavelmente é o acatamento dessa não completude, desse casamento que há mas que não é um casamento

completo, harmônico entre significante e gozo. E outra vez volta ao tema que já apareceu em outros textos ao qual eu me referi aqui que é o esvaziamento do Outro do saber, ou seja , a incompletude do outro do saber. Em outras palavras, trata-se aqui, no passe justamente da verificação dos limites do Outro. Tem um ponto aqui no texto de Sauret que quero localizar: é o perigo de se colocar a psicanálise a serviço do discurso do capitalista, ou a serviço desse chamado à eficácia. O mecanismo do passe não é isento de riscos, e ele localiza um desses riscos nesta condição, eu o cito: *"o sujeito se esforça então no momento do passe para inventar ele próprio uma resposta frente à ausência estrutural de resposta, uma solução que sustente o fato de que não há resposta, "com o risco de amar não mais o outro que se desfaz, mas sua própria construção, seu próprio saber ir contra a descoberta deste ponto onde o Outro não responde"*. Acho interessante Sauret nos alertando quanto a este risco de abrir mão do Outro, descompletar o Outro, mas começar a amar demais aquele próprio testemunho dessa descompletude do Outro.

Passo então ao texto de Sueli Miranda, chamado *Consentir, reconhecer, confiar*. Ao longo de seu texto ela vai efetuar localizações com relação aos usos possíveis que poderiam ser dados a estes três termos em meio ao nosso enlaçamento, e no desenvolvimento do texto vai nos chamar a atenção sobretudo para o valor de mantermos entre nós mecanismos que possibilitem a presença constante e a tolerância com relação a isto, da variedade e da particularidade, de tal maneira que a moral do poder não se sobreponha à ética da psicanálise. Ela vai, de maneira perspicaz, nos dizer que a confiança tal como ela trabalha, a confiança não convém bem àquele que passou por isso, que Sauret indica: a confiança não cai bem a este campo aonde o Outro do saber já não se mostra mais consistente.

Passo ao texto de Zilda Machado chamado *Elaborações acerca da Nota aos Italianos – Que Escola queremos?* Como o próprio título indica, Zilda vai efetuar comentários em cima do texto de Lacan *Nota aos Italianos* e vai propor que essa carta é altamente contemporânea, já que essa carta é direcionada atualmente a todos nós. Desenvolve a sua argumentação mostrando que o analista deve ser pensado enquanto função, eminentemente enquanto função. Ela nos indica isso com clareza, a articulação do passe com esse momento de passagem do analisante a analista, e por fim, nos chama a atenção para a articulação interessante que deve haver entre garantia e ética. E conclui com essas duas perguntas: Como podemos operar a construção de uma escola cuja postura ética seja a garantia da doutrina da psicanálise e não ao dos psicanalistas? E como sustentar isto apesar dos impasses colocados pelas questões institucionais?

E estes são os elementos que eu trouxe para vocês nesta tentativa de

efetuar uma transleitura minimalista, e aqui só para fechar, e acho isso importantíssimo, é que esses textos nos transmitem é a crucialidade, seja para a associação que estamos em vias de criar, ou para a Escola que provavelmente virá, o ponto crucial é o desejo do analista.

ELIANE SCHERMANN

Lacan na conferencia de Milão, eu não me lembro as palavras que ele usa, diz que a psicanálise está com um pé na ciência, mas por outro lado a vertente cientifica foraclui a castração. Vemos tantos produtos da ciência que estão ai e foraclui o sujeito. Podemos até fazer uma diferença entre a questão do sujeito e a questão do seu desejo que está em jogo. Mas não vou entrar neste aspecto. Eu queria trazer uma questão prática. Este é o momento de aproveitar nossa produção para trazer uma contribuição para associação e para a Escola que nós queremos. E falando sobre essa questão de arte ou de ciência, estava pensando que estamos tendo uma oportunidade muito importante: a possibilidade da critica assídua, permanente. E já que estamos falando sobre o desejo do analista, queria marcar a articulação com o ato analítico, que não está nem na ciência nem na poesia. E nessa crítica assídua precisamos fazer uma diferença entre o desejo de ser analista do desejo do analista. São questões que caminham para o que nós estamos propondo neste momento.

VERA POLO

Queria fazer duas observações: a primeira retomando o debate da mesa anterior, na qual Jairo tinha colocado, se eu entendi bem - 'O desejo de escola não pode ser um conceito, o desejo de passe não pode ser um conceito". Isso para mim ficou como uma questão, porque me parece que você fez uma certa oposição entre o dispositivo freudiano e o dispositivo lacaniano. Como se houvesse uma certa oposição entre eles. Freud pensou um dispositivo com dois e Lacan, meio exagerado, pensou um dispositivo com onze. Pensei que então nós que estamos na orientação de Freud com Lacan temos que pensar em treze, no mínimo. Uma coisa que me tocou também no seu depoimento porque você falou 'o traumático não é tão mal assim '. Foi até mais positivo: o traumático é bom. Lembrei-me de uma passagem de Freud exatamente num texto de 1937 - eu não tenho certeza se é em *Construções em análise* ou *em Análise terminável e interminável* em que ele vai dizer exatamente que tinha aprendido com sua experiência, que as neuroses traumáticas eram de longe as mais beneficiadas pela análise. Eram as mais propícias à análise, então o dispositivo freudiano se verifica, e se verificou no próprio percurso freudiano, a gente pode dizer assim. Será que o desejo de Escola não é verificável? Eu fiquei com esta dúvida. Será que não é realmente um conceito? Porque na nota italiana Lacan

vai dizer: trata-se de verificar a escola , quer dizer, trata-se de verificar se há AE, e se há AE há escola.

A segunda observação é sobre a questão dos cartéis que Alba colocou: é pouco pensar o cartel como um tratamento da vida grupal. Tudo bem, eu acho que é pouco também, você fez uma crítica à EBP desvirtuou o conceito lacaniano de cartel. Em 1980 naquela carta ao 'Sr. A', para o Althusser, Lacan propõe o cartel aos filósofos para estudarem e diz: colem- se o tempo que for necessário para produzirem alguma coisa e depois dissolvam-se.

ALBA ABREU:

Mas não foi isso que eu estava falando, não era uma coisa burocrática, era para tratar um ponto, em que cada um teria a sua produção. Quando eu coloquei que ele foi desvirtuado porque não era assim para tratar um ponto clínico, um ponto ético ou um ponto teórico. Foi muito desvirtuado, pelo menos é a minha experiência.

VERA POLLO

Eu só queria enfatizar que ele propõe isso também num outro contexto. É uma prática de estudo que parte do princípio da dissolução, e que tem de ter um produto necessariamente individual Como um dispositivo de estudo diferente da relação mestre- aluno tradicional.

SONIA ALBERTI

Acho que quando o Olympio traz a questão das Formações Clínicas é importante porque efetivamente existe toda uma atividade que há a ser pensada em relação aos fóruns. No Rio de Janeiro particularmente, como tendo efetivamente uma certa intercessão com o fórum na medida em que existem pessoas que estão em Formação Clínicas e que também estão no fórum, mas que isto não é necessário que as pessoas de formações clinicas estejam no fórum e vice versa. Eu acho que as formações clinicas caminham muito em direção de um lugar para transmitir, para ensinar, para estudar a psicanálise. E talvez tenhamos de nos perguntar onde está o furo de Formações Clinicas, se é que tem furo. Os fóruns, à medida que vão em direção à Escola, que é a direção que eu acho que deve ser a do fórum, sustentando essa pergunta 'Que Escola queremos?' , devem ter esse furo antecipado. Olha só que coisa mais interessante, a primeira vez que estamos realmente discutindo passe é fora da escola, onde a gente realmente está podendo construir algo a partir do que foi esta experiência na AMP. Lembro-me sempre de meu primeiro texto quando da nossa entrada para a iniciativa-escola, que eu apresentei em Caracas. O nome do texto é "A escola a advir", com o passe no cerne dessa escola. Na

época já discutíamos que não era possível uma escola sem passe, que aliás era a idéia que estavam querendo vender para gente inicialmente. A de que no Brasil não podia fazer de cara o passe, e depois veio aquela solução de compromisso de fazer esse tal de passe na entrada, que não seria nem ainda autorizar ao Brasil de ter analistas. Uma das grandes justificativas era: será que o Brasil tem analistas para sustentar o passe? Acho que respondemos: nós temos analistas no Brasil que possam sustentar um passe. Independente de autorizarem-nos ou não, fez-se. É isso que se verificou nestes últimos meses de discussão de depoimentos de passe que houveram no Rio e em outros lugares. Houve um passe, um passe de verificação de desejo do analista

Só para concluir, o que acho que fundamental é que não é possível pensar, e digo isso desde 1991 em Caracas, a Escola sem este furo que é o furo do passe. É o passe que fura a escola, e que é o que a gente está vendo.

ROSANGELA CORGOSINHO:

A gente falava sempre como era difícil trabalhar cartéis na EBP, pelo menos na nossa experiência, como era difícil este trabalho em cartéis, e foi uma crise, a gente vivia falando da crise do trabalho com os cartéis na Escola Brasileira. Acredito que deveríamos rever o que aconteceu. Acho que deveríamos repensar, retomar e revalorizar o lugar de cartel para uma escola de analistas enquanto lugar da produção e do trabalho.

JAIRO GERBASE

Quero reconstituir uma discussão, que Alexandre felizmente conseguiu chamar de um minimalismo que é o desejo do analista. Se entendo bem, essa virada é a passagem de analisante a analista, queria reconstituir a história deste slogan, porque entre nós está se constituindo essa ideologia. Degundo Debret seria preciso encontrar ao menos um trabalho que propusesse uma outra tese, e aí teríamos verdadeiramente o debate. Essa observação se fez no Campo freudiano, na AMP, por exemplo, permitam-me lembrar o congresso em Buenos Aires sobre a psicose. Em duzentos e cinquenta trabalhos, a tese mínima era 'a condição da psicose é a foraclusão do nome do pai'. Não ocorreu a ninguém supor outra coisa, e depois chegamos a discutir a saturação do Campo Freudiano quando fizemos o congresso anos depois em B. Aires, de novo, sobre a Interpretação, *"a interpretação é do Inconsciente"*. Quinhentos trabalhos. Então é interessante trazer essa questão, lembrei-me da Carta Roubada, segundo Lacan, mal traduzida, a carta que não chega ao seu destino. Os matemáticos inventaram esse termo chamado álgebra, que quer dizer análise, e tomamos uma verdade matemática, isto é que vale para quantidade e valor, e aplicamos, por exemplo, ao problema da moral. Digam aos matemáticos uma fórmular que

eles não podem suportar, que é minimamente divergente eles vão derrubá-la. Então quero arriscar-me a propor a tese: a Escola de Lacan não depende do passe. Gostaria portanto que me permitissem dois minutos mais para fazer uma pequena demonstração. Se Lacan diz na Proposição "o fim da análise é a passagem de analisante a analista", que se conhece como travessia da fantasia é, devíamos considerar que o passe verifica o final de análise, que verifica o desejo do analista. Nessa frase, Lacan está dizendo: verifica ao mesmo tempo o final de análise. Colette Soler, não faz muito tempo, mostrou que não é assim. Para nós todos fim de análise e passe era a mesma coisa, desejo do analista, isso. Ela disse que verificou em L'etourdit e não encontrou essa distinção. Não encontrei o lugar onde está dito por Lacan que é preciso distinguir desejo do analista de final de análise, a virada do final. Mas o que queria finalmente demonstrar é que quando mais tarde no *L'insu,* Lacan propõe o fim da análise como a identificação ao sintoma, eu pergunto: o passe verifica isso ou é preciso um outro instrumento, é neste sentido que eu digo, não necessariamente o passe é, como acabou de dizer minha amiga Sonia Alberti, condição necessária da Escola. Pode ser que tenhamos que inventar um outro dispositivo que possa, todas as palavras serão ruins, verificar, a identificação ao sintoma.

MARIA ANITA

Quero falar depois do Jairo, porque todas as vezes que ele fala, evoca minhas raízes baianas. Parece uns tios meus de Itabuna que eram pessoas muito queridas, eles eram assim, charmosos, bem falantes, atraentes, interessantes, mas eu diante deles sempre ficava numa posição meio esquisita, me sentia igual aquela criança que Lacan cita no seminário 11, que diante da fala do adulto fica se perguntando: quando ele diz isso o que será que ele quer dizer? Então eu fico perguntando: quando o Jairo diz isso o que será que ele quer dizer? Porque veja bem, eu e Jairo participamos da Comissão Crítica do Passe, então nós temos experiência comum, nós temos verificado e ouvido os passes de todos os colegas. Esta história de se interrogar sobre final de análise e passagem de analisante a analista, dizer que foi porque Colete Soller mandou, pelo amor de Deus! Temos visto muitos depoimentos, não estamos tirando a coisa assim do espaço. Estamos falando aqui de alguma coisa que tem uma comissão crítica da qual eu, como o Jairo, como vários outros colegas participamos, e estamos levando a sério, estudando, refletindo, e tentando extrair consequências. Então não estamos mais no momento de seguir um *Magister Dixit*, mas sim a clínica. não é? Estamos tentando extrair consequências da clínica do passe e acho que já é possível a gente produzir teoricamente algumas coisas, por exemplo ontem Marie-Jean Sauret citava que os depoimentos que ele escutou no cartel do Passe lá na EEP muitos poucos deles falavam, curiosamente, da emergência do desejo do analistas.

Embora tenhamos poucos depoimentos aqui no Brasil, justamente, nos Passes que não são de final de análise. Chama atenção isto, não é uma coisa que já esteja formalizada, mas merece uma formalização. Talvez seja por isso que insistamos tanto em falar desta história de desejo do analista, que não é uma palavra de ordem. É um conceito de Lacan que estamos vendo emergir da clínica de uma forma diferente.

Outro ponto que eu gostaria de enfatizar é que estamos tentando construir alguma coisa a partir da clínica. Marie-Jean dizia que isso aparecia pouco nos depoimentos da EEP, vemosque é uma diferença, então é uma contribuição que podemos dar da originalidade da nossa experiência brasileira. Precisamos sair um pouco da paranóia de que estamos obedecendo a palavra de ordem de fulano ou beltrano, pra ver que temos de contribuição a dar. Um ponto que eu queria enfatizar é o seguinte: a clínica é isso, ir do particular para o geral. Parece-me, então, que por um lado temos uma experiência inédita em curso, e por outro lado, temos alguns conceitos e algumas verdades aos quais nos reportarmos, é o que temos como ponto de partida para Que Escola queremos?

ANTONIO QUINET

Quero agradecer a Alexandre Simões pela transleitura que ele fez dos meus artigos e retomar um pouco o que foi trabalhado na mesa de hoje de manhã, juntanto com o que está sendo discutido agora. O meu interesse pelo cartel de entrada, pelo passe que eu aceitei, e não só aceitei a ser membro como participei da construção da Escola Brasileira de Psicanálise, e posso dizer que até no início do trabalho da Comissão Crítica do Passe, eu tinha uma grande resistência a abrir mão desse dispositivo, porque levantava a hipótese que o lugar de exclusão do neurótico passa pela transformação a o lugar de rebotalho do analista é uma operação que se pode verificar na análise. Todo neurótico sente-se excluído do simbólico, para ir um pouco rápido, o obsessivo que se acha uma merda e a histérica que se acha um zero à esquerda, ou seja, um nada. Isso indica um pouco esta posição de excluído

A transformação da exclusão que é do próprio sujeito, a passagem disso para a posição de rebotalho que se dá numa análise, talvez não se desse apenas em um momento de um passe no final de uma análise, eu propunha investigar no próprio passe. Isso era o meu projeto de pesquisa, quando entrei no cartel do passe, momentos de passe

O meu trabalho de ontem que eu concluo com abrir mão do dispositivo do passe para ser colocado na porta de entrada da escola, é um abrir mão deste dispositivo sem jogar fora o bebê com a água suja do banho, porque o ouro que ficou podemos ver no testemunho dos passantes, e é esta experiência que me parece extremamente rica. Aprendo a cada testemunho que escuto.

A questão dos momentos de passe: são momentos de franqueamento que podemos verificar numa análise. Lacan já nos dava algumas indicações, e eu já tinha, mesmo antes de trabalhar no cartel, trabalhado muito sobre isto, sobre a questão da marca, que eu chamei de marca de exclusão, que vai ser transformada como algo de uma marca do analista que o cartel vai poder ler. Ou seja, alguma coisa também desvinculada do final de análise. Na nota italiana, Lacan até chega a dar uma indicação que essa marca poderia estar até antes mesmo de começar uma análise. No meu texto propus identificar isso ao que chamei de a entrada para a Psicanálise que muitas vezes se dá antes mesmo de uma análise começar, quando há uma escolha de um ato feito pelo sujeito, contra o pai, pelo que pode vir a ser o pior pra ele.

O Alexandre Simões chamou atenção do meu texto sobre estilo que foi do meu seminário do ano passado em que, e isto é uma tese que eu até gostaria de ver discutida, não sei se vai um pouco contra o que Marie-Jean Sauret falava ontem, que a identificação ao sintoma corre o risco de se tornar um modelo de final de análise, modelo até inconsciente, como disse alguém hoje de manhã, e que as pessoas vão tentar fazer um relato para mostrar , olha aí o meu sintoma, um modelo como num momento dado se tornou a travessia da fantasia na Escola da Causa Freudiana. Na verdade, a proposta do meu texto eu acho mais interessante: pensar no estilo em contraposição ao sintoma. Estou propondo é pensarmos a questão do estilo a partir do processo analítico. É o seguinte: " O sintoma verdade comporta dois destinos, o estilo que é da ordem da enunciação, por onde circula a verdade e por outro lado o sintoma como real, onde não se encontra mais a questão da verdade mas da varidade. A distinção entre o sintoma e o estilo a meu ver é fundamental para abordarmos a transmissão da psicanálise e a maneira pela qual um analista opera.

Lacan diz na abertura da sessão clínica que o analista também se identifica com o seu sintoma, que as palavras impostas também são um sintoma do psicótico. Será que é com o seu sintoma que ele opera? Não, o analista não opera com o seu sintoma, ele opera a partir do estilo, que é o estilo de cada um por meio do qual ele sustenta aquilo que Lacan denomina o desejo do analista. Então se pensarmos no passe menos como verificação do final de análise, não se trata da demonstração da identificação do sintoma de cada um, mas o que ele faz do resto de gozo ou da exclusão do simbólico.

CLARICE GATTO

Gostaria de agradecer a Alba pela leitura, pelo que ela destacou no meu trabalho, mas na realidade esta não era a questão mais importante para mim. Tem uma frase do Foucault que gosto que é: o novo é dizer de novo o acontecimento de seu retorno. Então é sempre bom repetir. Lacan diz assim no

Discurso à *EFP* *" para aqueles que me seguem neste caminho, mas que no entanto viessem a lamentar não terem uma qualificação repousante, ofereço como prometi, a outra via além de me deixar, que me ultrapassem no meu discurso até torná-lo obsoleto, saberei enfim que ele não foi em vão"* Acho muito bonito o que ele escreve, gostaria de Ter uma questão, mas acabei de escrever o meu texto e ele já não é mais o meu texto e aí eu consigo ver coisas que eu não tinha visto no instante que estava confeccionando o texto. E uma questão: porque Lacan vai fazer um distinção entre o desejo do analista e o desejo inédito? Ele vai dizer que o desejo do analista é algo que não pode ser analisável, nem teorizado, e aí ficou pra mim esta questão, talvez até pensando um pouco na linha que o Quinet traz, do estilo, se o desejo do analista não seria isso que vem sustentar um desejo inédito?

MARIE-JEAN SAURET:

Eu queria só escrever o matema do discurso analítico. Aproveito para dizer para Jairo que a distinção entre fim e passe aparece numa das versões da *Proposição de 67*, pois Lacan distingue o termo, o término, e o fim ou o término e passe e, além disso, coloca uma questão precisa: como é que vai se dar no passante para quem caiu o sujeito suposto saber – em que Lacan entende acontecer o momento de passe - como é possível que esse passante continue indo a suas sessões? Escrevi esse matema só para indicar uma pequena quanto 'a questão de Quinet. Eu não tenho certeza de não estar de acordo com ele. O que que é produzido numa análise não é um psicanalista, mas o S1 que podemos ler de diversas formas, como a a marca à qual ele se reduz, quando já não espera que o Outro lhe responda o que ele é. Então, no que eu chamo de identificação com o sintoma, tentei entender este sintagma em Lacan, não é a identificação com o sintoma, mas com aquilo que faz o real do S1 . Para dizer de outra maneira, o sujeito descobre no final de sua análise, que nada faz juntar, que nem um outro venha lhe dizer, nem reduzir o seu sofrimento, juntando, fazendo que fiquem juntos seu corpo, a linguagem que ele habita e o real com o qual ele tem de se haver, somente o sintoma que ele é. É deste lado que situo a questão da identificação com o sintoma. Eu insisto porque se vê bem que o problema que se coloca é o que o sujeito vai fazer com isto?

O que chamamos de passe é que o sujeito consinta a fazer servir este pedaço de real que ele é pra poder vir a fazer semblante do objeto do Outro. Talvez possamos até dizer que ele é produzido como objeto; Lacan até dirá como letra. ele vai escrever a função sintoma f(x) , mas o objeto que ele é, não é o objeto de que ele faz de conta, o real que ele é; é o que lhe permite separar-se do discurso analítico. É esse consentimento de vir a ocupar este lugar que é contingente, não é produzido por uma análise, que nós chamamos desejo do

analista. Para mim a estrutura da escola é essa que implica esta estrutura de laço social, fazer muita coisa do S1, procurar o S2 que dará conta dessa virada. O sujeito procura o S2 com a objeção que ele é. Isso associo à observação de Quinet sobre o estilo, o estilo é justamente o que resiste a ser dito.

A partir disso, retomamos a questão de desejo do analista. Até Lacan, até o passe, ninguém sabia como é que terminava uma análise, como ela se transmitia, se ela se transmitia. Quanto à psicoterapia, Lacan dizia que era uma prática que não precisava ser esclarecida para operar. Outra afirmação de Lacan, desaparecida nos EUA – temos de criar condições para que ela não desapareça – é que não há psicanalista no sentido estrito como nós entendemos, sem o desejo do analista. É equivalente a dizer que não há mulher sem uma relaçao com o gozo feminino. Assim, não podemos verificar que haja desejo do analista senao um por um.

Preocupo-me até mesmo que uma certa idealização do passe poderia ir contra o passe, na realidade toda a questão para cada um é como é que ele passa de S1 ao objeto a . Bom para mim o problema com o passe na entrada não é o termo passe, nem mesmo o momento em que o psicanalisante o demanda, mas a idéia de, a partir desse momento, tentar construir um conjunto de analistas. A questão é saber se o passe na entrada permite cernir este discurso analítico que descompleta o conjunto, ou se isso vai contra o desejo do analista. A experiência que vocês trazem parece mostrar que o desejo do analista não se deixou prender, aprisionar. O passe do fim, como se diria então, é um passe que sempre virá descompletar o conjunto dos analistas, porque o que chamamos de desejo do analista é justamente alguma coisa que Lacan não escreve, é este ponto que não se verifica senão na reinvenção de cada um dos passes. A única escrita que ele propõe é um x, como um enigma, jamais como uma fórmula plena. É o sujeito que tem de responder a esta questão.

A partir disso, isso quer dizer que talvez haja ódio, haja amor na comunidade analítica, mas o amor e o ódio de nada servem para construir essa comunidade. Para Freud, amamos o mesmo e odimosa o diferente. Então no Campo Lacaniano o ódio e o amor são novos.

MARCIA MONTEZUMA

Esta discussão sobre o passe está animadíssima mas eu gostaria de retomar alguns outros aspectos da Escola que queremos, uma vez que também que não dá para equivaler Escola a passe. O primeiro ponto que queria pensar também seria no ensino na escola, queria pensar uma maneira que não esvaziasse a Escola atraves das Formações Clínicas, acho que é um ponto importante a ser pensado. Um outro ponto seria quanto ao está acontecendo aqui, tem um espírito absolutamente de Escola em termos de refúgio do mal estar, de acolhimento

deste mal estar. É importante pensarmos numa maneira de preservar esse acolhimento da diferença, sem cair na lavação de roupa suja das conversações, na discussão sobre os amores e os ódios.

Para não sairmos daqui equivalendo Escola ao passe, devemos trabalhar as outras funções da Escola. E acolhendo essa diferença, agradeço ao Jairo, que está meio que encarnando o contraponto, pela possibilidade da discussão estar sendo tão rica. Espero que consigamos realmente lidar com o mal estar de uma maneira boa.

FERNANDO GROSSI

Estou achando muito importante este debate na nossa comunidade sobre a questão do passe e em torno do desejo do analista, sobretudo a partir da exposição dos trabalhos da Comissão Crítica do Passe, mas gostaria de me posicionar um pouco a partir das leituras dos trabalhos e interrogar alguns pontos nesse debate. Estamos tendo a oportunidade de retomarmos essas questões, à luz das experiências que cada um teve ao longo dessa caminhada, desde o percurso de cada um no Campo Freudiano e das escolas, que é o seguinte a minha questão: O desejo do analista, tal como eu apreendo um pouco das minhas leituras dos textos de Lacan situa-se precisamente na passagem de analisante a psicanalista, e parece-me que isse é um ponto consensual. Marie-Jean começou a levantar alguns pontos indexadores dessa passagem, ele lembrou a travessia do fantasma num determinado momento do ensino de Lacan, a queda do sujeito suposto saber, e um ponto dessa passagem de psicanalisante a psicanalista a passagem de um ato. Afirma que o que está em jogo é um ato, que marca um antes e um depois.

É verdade que depois a questão em 67 o ponto dessa passagem está mesmo vinculado ao ponto mesmo do final de análise. Lacan depois abre esta discussão que é possível ter o final de análise e não haver a emergência do desejo do analista, ele põe a este ponto, associando o afeto do entusiasmo e do saber no que toca o real. Uma pergunta: há uma tendência ao relativismo no conceito do desejo do analista, ou uma tendência a relativizar também a passagem de analisante a analista? Haveria uma tendência a pensar que este conceito do desejo do analista tende a se relativisar? Quando Marie-Jean Sauret toma o matema do discurso do analista, é verdade que há uma tendência a relativisar, mas em cada passagem de um discurso ao outro emerge o discurso do analista

Estou levantando essas questões, porque vejo na nossa uma tendência ao que estou chamando de relativisar o conceito do desejo do analista. Eis a minha inquietação por causa das consequências clínicas e

institucionais que há tomarmos uma vertente ou outra, haja vista a nossa experiência ao longo do Campo Freudiano. Gostaria que esse assunto continuasse e se formalizasse, já que o Campo Lacaniano tem esta incidência local, nacional e internacional.

VERA POLLO

Eu queria falar para você Jairo: eu não coloquei primeiro o desejo do analista e depois os cartéis e o passe. No meu texto eu coloquei exatamente o contrário, com base na nota aos italianos coloquei primeiro o dispositivo do passe, porque lá me parece que está colocado nestes termos inclusive, o dispositivo do passe é que vai nos possibilitar verificar o desejo do analista, ou verificar a escola. E ainda com aquela citação de Lacan que você trouxe "o passe não tem nada a ver com a análise", entendo que o dispositivo do passe não tem nada a ver com a análise, entendo: o passe clínico tem a ver com o final de análise.

Acho equivocado o desejo de conduzir uma análise até o fim, pois é preciso que o analista mantenha o seu desejo como uma incógnita, uma variável, um enigma na enunciação. É isso, sobre o desejo do analista. Sobre a Escola, interessou-me muito a fala do Bernardo Nominé no Fórum do Rio, onde ele colocava a escola no sentido da transmissão de um estilo, comparava inclusive com a escola de arte, alguma coisa que se verifica *a posteriori*.

JAIRO GERBASE

Estamos discutindo a possibilidade de fundar uma associação, então é evidente que precisamos os debater os argumentos. O Marie-Jean veio aqui há poucos instantes argumentar que uma das soluções desta produção do discurso analítico é poder colocar-se como semblante do objeto que causa o desejo do outro. Eu diria isso é quase inumano, dificílimo de verificar, então peço muito mais a humildade nossa, o debate de argumento por argumento.

Se desvincularmos o passe do final da análise, como tem sido apreendido, e quando eu evoquei Colette Soler dizendo em seu texto é que tem de distinguir a virada do final, eu sei onde Soler vai querer chegar, mas isto não quer dizer nada pessoal, quer dizer que me interessa debater os argumentos, porque se desvinculamos o passe do final da análise, daqui a pouco vamos chegar à conclusão que devemos ter passe de entrada.

É um argumento quepreciso debater, porque estou contra o passe de entrada. Então não se trata de pegar pesado, é simplesmente marcar

uma discussão. Eu tenho que dizer que escola quero, pois quero uma que não tenha passe de entrada. Pareceu-me justificado vincular o passe ao final da análise Quero defender o argumento que venho fazendo em em diversas oportunidades sobre a hipótese de que o conceito de fim da análise como identificação ao sintoma é em Lacan mais avançad do que o conceito de final de análise como travessia da fantasia, como virada de analisante a analista.

BARBARA GUATIMOSIM

Queria agradecer Alexandre pelo ponto que pegou do meu trabalho. E fiquei pensando que verificar a identificação com o sintoma, é um sintoma esvaziado que se presta como resto, precisa ser demonstrado. Qual foi o percurso do sujeito até este sintoma? No *L'insu* Lacan fala em saber lidar, *savoir y faire*. Seria preciso lavrar este percurso até onde essa identificação, que tem de ser estilosa, não ficar no reconhecimento no escuro. Lacan pergunta no *L'insu*, qual é a n qual é a lavra deste percurso.

ANTONIO QUINET

Bom, primeiro queria tentar responder a Márcia sobre algumas questões interessantes e oportunas que ela coloca. Estou de acordo com esta afirmação "A escola não é o passe", e retomaria até uma referência ao discurso à EFP, que é uma articulação interessante que Lacan faz da Escola com o passe, "a escola é o lugar em que o analista pode dispor do ato analítico". A mulher que é uma Outra para si mesma, não pode se apreender como tal. O analista também não. Ele precisa de uma escola para poder dispor ele mesmo do seu ato.

Eu fico com medo da identificação ao sintoma virar um outro *slogan*, daqui a pouco estamos vendo todos os AEs demonstrando: olha aqui o meu sintoma, como na época da demonstração da travessia. Por isso a minha insistência com o estilo: o estilo não tem como generalizar-se. Para responder rapidamente ao Fernando, acho a pergunta bem provocadora. Será que pensarmos a tentativa de mercas na direção do desejo do analista, até mesmo antes da análise, determinadas, como Lacan falava, determinadas marcas das aventuras do sujeito, e se isto não seria relativisar o desejo do analista? Lacan coloca o desejo do analista absolutamente contemporâneo do ato analítico. A meu ver só tem um ato analítico, ali aonde emerge o desejo do analista.

Agora outra questão: eu sempre associei a emergência do desejo do analista com final de análise. Estamos fazendo uma leitura nova, que a meu ver não é um *slogan,* tanto que se fosse slogan não estaríamos se dando o trabalho de discutir tanto. No texto da *Proposição* Lacan afirma 'o fim da psicanálise conserva em si uma ingenuidade sobre a qual coloca-se a questão de saber se

ele deve ser considerado como uma garantia na passagem ao desejo de ser analista'. Ele diz: o final de análise não garante. Podemos até avaliar, verificar o final de análise, mas ele não garante que haja emergência do desejo do analista.